

SANTIAGO AMOUKALLI

de Luisa Pardo e Lázaro Gabino Rodríguez

(2016)

Tradução: Wallyson Mota

Revisão: Malú Bazán

A tradução e a publicação deste texto foram realizadas pelo Coletivo Labirinto como parte da 2a. Edição do CICLO DE LEITURAS ENCENADAS, que integra o projeto “PÉS-CORAÇÃO: A AMÉRICA LATINA COMO CAMINHO”, contemplado pela 43ª EDIÇÃO DA LEI DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO.

CICLO DE LEITURAS ENCENADAS

Santiago Amoukalli

Dia 15 de abril de 2025 – 20h

Leitura realizada no Complexo Cultural Funarte - SP.

Ficha Técnica:

Dramaturgia: Luisa Pardo e Lázaro Gabino Rodríguez (México)

Direção: Emilene Gutierrez

Tradução: Wallyson Mota

Revisão: Malú Bazán

Elenco: Abel Xavier, Camilla Flores, Eugenia Cecchini, Wallyson Mota e Wesley Salatiel

Acompanhamento: Carol Vidotti

Projeto Gráfico: Renan Marcondes

Assessoria de Imprensa / Redes Sociais: Wallyson Mota

Produção: Corpo Rastreado - Leo Devitto

Realização: Coletivo Labirinto

www.coletivolabirinto.com.br

labirinto.contato@gmail.com

[@coletivo.labirinto](https://www.instagram.com/coletivo.labirinto)



LEITURA PÚBLICA

CICLO
DE LEITURAS ENCENADAS 2ª EDIÇÃO

15 de abril terça-feira, 20h

SANTIAGO AMOUKALLI
de Luisa Pardo e Gabino Rodríguez (México)
DIREÇÃO Emilene Gutierrez

COMPLEXO CULTURAL FUNARTE
Alameda Nothmann, 1058, Campos Elíseos, SP

GRATUITO

Projeto contemplado pela 43ª Lei de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo. Secretaria de cultura e economia criativa

PRODUÇÃO  
APOIO 
REALIZAÇÃO     

O povoado, reproduzido em uma maquete sobre o palco, está iluminado suavemente. Um alto-falante traz o som da comunidade gravado à distância.

A luz se apaga lentamente. Escuridão.

Era uma vez um homem e uma mulher que tinham cinco filhos homens. Eram muito unidos e se amavam igualmente entre si. Um dia, o pai se reuniu com os seus cinco filhos e lhes disse:

- Amanhã, fiquem prontos cedo, vamos procurar algumas plantas na montanha para comer porque essa chuva toda afogou as plantações.

- Vamos sair cedo, papai?

- Sim, meninos, muito cedo.

No dia seguinte não chovia, mas o nevoeiro estava muito denso, não se via nada a mais de um metro de distância. Chegaram à montanha e o pai lhes disse:

- Muito bem, meninos, agora vou usar o meu facão para abrir passagem.

E começou a abrir o caminho a golpes, por entre a vegetação fechada. Os filhos o seguiam, em meio à neblina, mas o pai não percebia que o caminho que estava abrindo se fechava rapidamente atrás dele. Os filhos, assustados por verem o que estava acontecendo, tentavam desesperadamente abrir de novo o caminho com os seus facões para alcançarem o pai.

Passaram muitas horas tentando abrir o caminho, mas a vegetação e o nevoeiro os vencia, fechando-se atrás das costas do pai, que ficou perdido na montanha para sempre.

...

A história que vamos contar pra vocês é a de um lugar que não existe, de pessoas que não vivem e de coisas que não acontecem. É, como se costuma dizer, uma história de ficção.

Ouve-se um narcocorrido e vemos o vídeo de um caminhão subindo a serra, vemos a serra e o áudio da canção se transforma na canção que está tocando dentro do caminhão. Passa para o primeiro plano ao se misturar com o som direto do próprio caminhão subindo. Talvez se escutem propagandas políticas.

Diálogo entre Luísa e a Polícia:

G- Bom dia.

L- Bom dia.

G- Vai pra onde?

L- Para Santiago Amoukalli, depois de Tehuixtintle.

G- Está viajando com o jovem?

L- Sim.

G- De onde vocês vêm?

L- De Oaxaca.

G- E você é mexicana?

L- Sim.

G- Parece que é de outro lugar, da Argentina ou do Brasil.

L- Não, sou mexicana...

G- Armas? Drogas?

L- Não.

G- De que parte de Chiapas você disse que vinha?

L- Não, venho de Oaxaca.

G- O que é que você faz?

L- Sou artista.

G- Ah, cantora...

L- Não, nós fazemos peças de teatro.

G- Ah, e pra que vão pra Santiago?

L- Para dar aulas pras crianças...

G- E vocês falam nahuatl? Porque lá é assim, quase nada de espanhol...

L- Estamos aprendendo...

G- Vocês têm alguma credencial que diga que são artistas?

L- Não...

G- Não estão indo lá por causa das eleições, estão?

L- Não.

G- Bem, é só isso. Boa sorte...

Continuamos vendo no vídeo o caminhão subindo em direção à serra.

Narrador: Luísa e Gabino chegaram a Santiago Amoukalli numa manhã de junho, entusiasmados com o trabalho que iriam fazer. O povoado parecia menor do que haviam imaginado. Viram as ruas de terra, as casas de madeira e os telhados de lata. Viram como as casas eram afastadas umas das outras e como de cada casa saía uma nuvem de fumaça em direção ao céu.

Amoukalli tem uma pequena igreja, uma cópia da Basílica de Guadalupe, da Cidade do México. A missa é, naturalmente, celebrada em nahuátl e, até dois anos atrás, o pároco recomendava aos fiéis que “não se relacionassem com estrangeiros para evitar as tentações”. Em frente à igreja há banquinhas de flores e de comida, e muitos cachorros vagueiam, magros, desnutridos.

Ao redor, apenas montanhas. As nuvens vão e vêm. Existem poças de água suja por todos os lados e na praça não há uma única árvore, mas as rachaduras estão cheias de plantas que crescem, recuperando a montanha.

Naquela manhã de junho a luz era cinzenta, o dia estava nublado e cheirava à terra molhada.

NOVA CENA LUISA E GABINO:

- É bonito aqui, não é?

- Muito.

- E você que não queria vir.

- Mas não era pelo lugar...

- ...

- ...

- Essas paisagens parecem fotos.

- Sim, eu também tenho essa sensação.

- Estamos no meio das nuvens.

- Será que o sol aparece por aqui?

- Sim, com certeza.

- Essas montanhas são as mesmas, quer dizer, a paisagem é a mesma que Hernan Cortés deve ter visto quando conquistou o México.

- E agora somos nós que a estamos vendo.

(Luisa se assusta, olha para trás, mas percebe que há apenas um cachorro ou ela simplesmente se vira e balança a cabeça.)

- O que foi?

- Nada.

-...

-...

- Vamos ver se as crianças entendem a gente.

- E vamos ver se a gente as entende...

- Eu sei.

Narrador: Foi assim que chegaram a esse povoado, influenciados pelas histórias quase mágicas que certa vez contaram pra eles na cidade, em seus círculos de esquerda. Para eles, era a oportunidade de finalmente pisar em um território do povo náhuatl, tão estudado e tão desconhecido ao mesmo tempo. O México profundo. Era desses vilarejos que vinham as senhoras que limpavam suas casas desde que eram crianças; indígenas que migraram, parentes daqueles que seguem e seguirão migrando para as cidades para trabalhar com o que der, com o que tiver e do que for. Luisa e Gabino observam tudo, tentam entender, compreender. Eles olham com surpresa para os campos semeados em encostas tão íngremes e acham admirável a capacidade dessas pessoas de arar, semear e colher sob a chuva constante. Não existe caminho fácil, todas as subidas e descidas são íngremes e escorregadias. Luisa e Gabino se sentem desajeitados. Os dois querem trabalhar aqui, embora fantasiem estar em outro lugar.

Vídeo: Avançamos pelo povoado. Vemos e ouvimos tudo pela primeira vez. Localizamos nossa casa na periferia.

Diálogo entre Lucero e Gabino.

- O trabalho vai começar às nove da manhã. Eles vão nos buscar em casa e vão nos levar para tomar café da manhã no centro... Você recebeu o e-mail com os objetivos resumidos?

- Sim, Lucero.

- Aqui estão todos os materiais que vocês pediram e os cartões informativos: os 11 passos para uma boa lavagem das mãos e as três formas de saneamento da água que vimos no treinamento.

- Tudo bem, vamos intercalar isso na aula.

- Isso é o mais importante: lavagem das mãos e saneamento da água...

- Sim, com certeza....

- Quero que lembremos de que somos representantes da organização e temos que nos comportar de acordo, por isso no e-mail também tem as regras de comportamento, elas estão claras?

- (*Consente com a cabeça*)

- Aqui a saudação é feita apenas com o toque da palma da mão. Não há apertos de mão, nem beijos, nem abraços. Se diz Panolti ou Nolti.

- Quando você diz que não podemos segurar as crianças...?

- Não permitimos que sejam feitas manifestações de carinho às crianças porque podem ser mal interpretadas. A questão das fotos também é importante, vai vir um fotógrafo para tirar muitas e muitas fotos e nós podemos compartilhá-las com vocês. Não é necessário que vocês tirem fotos das crianças, muito menos que as postem nas redes sociais. Tudo isso está no contrato. Já assinaram?

- Não, ainda não.

- Bem, o pessoal da FEMSA virá no próximo fim de semana e vocês têm que ver isso com eles.

- Quem é o pessoal da FEMSA?

- São os nossos parceiros nesse projeto. Por fim, temos que ser cuidadosos porque as eleições estão chegando e não queremos que nos relacionem a nenhum partido e muito menos nos envolver em qualquer conflito, essa região é complicada. Qualquer coisa que precisarem, falem comigo ou com o Miguel, que é o contato com a comunidade. Ele fala náhuatl e traduzirá tudo para vocês durante as oficinas.

O trabalho que viemos fazer aqui é delicado, mudar hábitos não é fácil, mas acreditamos que a arte-educação é uma forma eficaz de mudar paradigmas, sensibilizar e oferecer ferramentas para que o comportamento de uma comunidade possa ser transformado.

Narrador: A *Some Water*, organização que os contratou, é uma ONG do chamado Primeiro Mundo. Ela desenvolve projetos sociais de arte relacionados à água em comunidades com economias precárias.

Existem pessoas da comunidade trabalhando na base e alguns estrangeiros e mexicanos de outras regiões que vêm e vão. Também tem a Lucero, uma mulher loira que fala francês, cabeça do projeto e representante da organização em Santiago Amoukalli. Luisa e Gabino notaram uma atmosfera muito feliz e estranhamente entusiasmada; viam seus companheiros movidos por uma espécie de fé cega no projeto.

Diálogo entre Luísa e Miguel.

- Cabeça.
- Tzontego.
- Boca.
- Gammac.
- Branco
- Iztac
- Curva
- Tolontic.
- Mulher.
- Ziwatl. E verde: Xoxobic
- Muito bom.
- É uma loucura essa programação que eles nos deram, dar 8 horas de oficina de teatro já é um absurdo, e ainda mais em espanhol, para crianças que nunca foram ao teatro? É possível fazer alguma coisa, Miguel?
- Não, vocês têm que ser flexíveis, aqui em Amoukalli não dá pra competir com a igreja, nós tiramos as aulas de domingo por causa do catecismo, é época de crisma e das primeiras comunhões... Acho que se a gente se organizar, vai dar certo.
- Acho que esse horário é contraproducente....
- ...
- ...
- As pessoas são muito sérias aqui.
- Agora são, mas isso é novo, as pessoas costumavam rir muito. O problema é a pobreza. O município, há alguns anos, esteve entre os quatro mais pobres do país...

E, bem, como em todo o México: a insegurança, a violência e esses detalhes... Mas, graças a Deus, agora está melhor.... Estamos trabalhando duro...

- Você é bastante religioso?

- Sim, de fato estudei dois anos no Seminário...

- Ah... E o que aconteceu?

- Tive minhas diferenças com o padre...

- Você tem muito trabalho aqui?

- Não... nem tanto...

- Ei, eu li sobre um lugar, a Cachoeira Negra?

- Ah, sim, Tlilatliwitzia

- É perto daqui? Tlilatl, tl, tliiwitzzz, zia:

- Tlila-tli-wit-zia. É mais ou menos perto, mas acho que nesse momento não é possível ir lá.

- Por quê?

- Não sei...

- E ela é bonita?

Narrador: Mesmo antes do amanhecer em Santiago Amoukalli, as mulheres acendem o fogão para fazer café e tortilhas para os homens que vão trabalhar. Depois, vão lavar roupa nos lavadouros que ficam nas margens de alguns riachos. A água é gelada, as roupas são levadas de volta molhadas, embrulhadas em um grande plástico e colocadas dentro dos xales (*rebosos*) que elas carregam nas costas. Eles penduram as roupas nos telhados ou nos arbustos. Ao meio-dia, os homens voltam para casa depois de trabalhar na roça ou na alvenaria, as meninas e as mulheres prepararam feijão, tortilhas, chili e, se a coisa estiver boa, algum ensopado com ovos de suas galinhas.

Qualquer visitante pensaria que está em um povoado onde as pessoas vivem suas vidas de maneira normal e até certo ponto é isso mesmo, mas faz tempo que aqui não para de chover.

Luisa e Gabino preparando a aula.

- Primeiro dia: aquecimento em círculo, jogo do “um, dois, três, abóbora”, desenhar o ciclo da água, reproduzir em uma coreografia, intervalo...

- no intervalo, primeiro temos que lavar as mãos, preparar as garrafas e repassar os 11 passos...
- Você viu que as senhoras queimam o lixo ao lado da quadra?
- Eu sei... Na cozinha comunitária vi que elas jogavam plástico...
- Cozinha fechada, com fogo aceso e queimando plástico para cozinhar... É foda...
- Tá, depois do intervalo: histórias sobre a água em equipe, em três etapas... Minhas meias ainda estão molhadas...
- As minhas também.

Narrador: Gabino e Luisa estão nervosos. A oficina deles é destinada a um grupo de 35 meninos e meninas nahua que entendem pouco o espanhol, que nunca foram pra cidade, que nunca foram a um teatro e que talvez nunca irão.

Infografia estatística do povoado.

- O CONEVAL (Conselho Nacional de Avaliação da Política de Desenvolvimento Social) classificou Santiago Amoukalli no ranking das 100 cidades de populações mais pobres, entre os 10 municípios mais pobres do país.

Santiago está localizada no Município de Tehuixtintle, a uma altitude de 2560 metros acima do nível do mar.

No censo de 2013, foram contadas 738 pessoas, das quais 313 eram homens e 425 eram mulheres. 389 eram menores de idade e 349 adultos, dos quais 37 tinham mais de 60 anos de idade.

Todas as 738 pessoas falam náhuatl. Metade delas também fala espanhol. Tem desde aqueles que falam bem até aqueles que falam apenas algumas palavras.

A altura média dos homens é de 1,57 metros e a das mulheres é de 1,45 metros.

- Há 127 casas: 110 têm chão de terra batida. Apenas 63 têm instalações sanitárias. Nenhuma tem água encanada ou drenagem.

113 casas têm acesso à luz elétrica. Não há computador nem máquina de lavar. 58 têm 01 televisão.

Apenas 56% têm um sistema de coleta e armazenamento de água da chuva. Os demais habitantes têm que carregar água do córrego mais próximo.

Há 280 pessoas analfabetas com 15 anos ou mais. O tempo médio na escola é de 4 anos.

Para as eleições de junho, apenas um dos cinco candidatos a presidente municipal e nenhum dos candidatos a governador fala náhuatl.

(Canção de ninar em áudio <https://www.youtube.com/watch?v=KWipqUVVLvk> ou Missa Náhuatl https://www.youtube.com/watch?v=TQ8I9_cS3M enquanto Luisa e Gabino representam momentos da cerimônia de boas-vindas à comunidade, cruz, flores, colares e coroas, incenso copal).

Gabino e Luisa fazem uma demonstração do procedimento de Lavagem das Mãos da “Some Water”:

- Então, o que precisamos é de um canudo, uma garrafa grande de água com gás.... Pode ser qualquer garrafa, com tampa, vamos fazer um furinho nela e colocar o canudo lá dentro. Agora despejamos água nela e temos nosso dispensador de água.
- Agora que temos nosso dispensador de água, abriremos um pouquinho e pegaremos um pouco de sabão em pó com nossos dois dedinhos.
- Esfregamos palma com palma até que o sabão encha nossas mãos. Depois, o dorso da mão com a palma da outra e vice-versa. Entrelaçamos nossos dedos para que não fique sujo no meio. Repetimos em “movimento rápido” e enxaguamos.
- Não se esqueçam de que é importante secar as mãos com um pano limpo, pode ser um pedaço de camiseta velha, mas lembrem-se que devem lavar o pano.
- As mãos são a principal fonte de contágio de doenças estomacais, por causa dos germes, que são pequenos animaizinhos que entram em nosso corpo e nos deixam doentes. Antes de comer e depois de ir ao banheiro, nós temos que lavar as mãos.
- Vamos fazer nossa coreografia para não esquecermos.

(Luisa e Gabino fazem a coreografia da lavagem das mãos).

Narrador: A “Cachoeira Negra”, Tlilatliwitzia, é um dos lugares míticos dos nahua, dizem que houve uma época em que Tláloc, o deus da água, não queria fazer chover porque haviam roubado sua esposa. As pessoas na Terra estavam morrendo de fome e seca. O único lugar na Terra onde ainda havia água era em Tlilatliwitzia,

embora tivesse cada vez menos, cada vez mais espessa e cada vez mais escura. Os outros deuses se reuniram e decidiram que o que Tláloc precisava era de uma nova esposa, e Chalchiuhtlicue foi a escolhida.

No exato momento do casamento, das mãos de Chalchiuhtlicue saíram rios, lagos e cachoeiras, enquanto Tláloc tinha o prazer de fazer uma chuva benevolente cair sobre a Terra. Então a “Cachoeira Negra” voltou a ser uma bela cachoeira cristalina, onde Tláloc e sua nova esposa viveram juntos, às gargalhadas.

Dizem que a espuma da cachoeira é o riso de Tláloc e Chalchiuhtlicue. A espuma, dizem, se transforma em névoa e é por isso que Amoukalli está sempre cercada de nuvens e as pessoas riem de qualquer coisa.

Diálogo entre Luisa e Gabino (fazendo chamada até chegarem ao nome de Pedro Calihua):

Taller: Teatro

N.P.	EDAD	NOMBI
1	11	Luz Elena Macuixtle Quiahua
2	13	Lazaro Macuixtle Quiahua
3	16	Rosalina Macuixtle Quiahua
4	14	Maura Tehuintle
5	10	Azucena Calihua
6	10	Ana Gabriela Temoxtle Calihua /
7	12	Eduardo Cahuixtle Xolochtle
8	12	Carlos Fernando Macuixtle Calihua
9	10	Giovani Calihua Chipahua
10	10	Monica Calihua Medrano
11	11	Belinda Temoxtle Calihua
12	12	Rosaura Macuixtle Macuixtle
13	13	Ana Delia Calihua Calihua
14	13	Luis Fernando Chipahua Gutierrez
15	16	Lorena Calihua Calihua
16	10	Pamela Calihua Carrera
17	12	Aldahir Calihua Calihua
18	13	Delfino Calihua Macuixtle
19	11	Juan Jose Temoxtle Calihua
20	16	Catalina Tehuintle Panzo
21	11	Lidia Zucena Tehuintle Zoquitecatl
22	10	Jose Arturo Tehuintle Zoquitecatl
23	13	Elias Quiahua Macuixtle
24	13	Rogelio Calihua Calihua
25	10	Rolando Macuixtle Tecpile
26	10	Luz Arleth Tehuintle Calihua

- Você é Pedro Calihua?
- Sim
- E seu pai é o homem que leva as pessoas até as cachoeiras.
- Não, esse aí já morreu.
- Que pena.
- ...
- ...
- Aqui quase todos são Calihua, não é?
- ... Sim...
- E algum dos Calihua poderia nos levar até a cachoeira?
- Qualquer um deles...
- Pra quem podemos perguntar?
- Não, é que vocês têm que pedir permissão.
- Pra quem?
- É que eles não dão permissão, mesmo quando pedem...
- E por que eles não dão mais permissão?
- Não sei...
- A quem pedimos então?
- Mesmo que peçam, eles não dão permissão.
- Mas antes a quem se costumava pedir permissão?
- Não, eles não pediam permissão antes.
- E então?
- É que agora eles não dão permissão, mesmo que peçam.
- ...
- De onde vocês são, de que país?
- Do México, está vendo que falamos espanhol.

- Ah.
- Nós moramos às vezes na Cidade do México e às vezes em Oaxaca.
- A Cidade do México fica pra lá?
- Não sei.

(O agente municipal fala em uma entrevista legendada sobre a democracia em Santiago).

Narrador: As eleições estão chegando e poucas pessoas em Amoukalli parecem estar interessadas nelas, apesar do fato de serem para eleger governadores, deputados, senadores e presidentes municipais. Somente as paredes anunciam os candidatos a presidente municipal de Tehuixtintle e para governador do estado. Luisa e Gabino desprezam os políticos, acham que a única coisa de que esses homens corruptos e conservadores precisam é de uma mulher que os ame e que, de vez em quando, enfie um dedo nos seus cus, que é onde estão todas as respostas.

Cena entre Luísa e Gabino

L- O que você tá achando?

G- Está difícil, é melhor você esperar, vai ficar encharcada.

L- Mas eu vou chegar lá que horas...

G- Acho melhor você avisar que não vai chegar.

L- Puta que o...

G- É melhor avisar.

L- E como eu vou avisar se não tem sinal?

G- E você tinha que combinar isso logo hoje?

L- Sim.

G- Então por que se mete com o que você não pode cumprir?

L- Porque no começo você disse que ia me ajudar... Que dava pra conciliar com esse trabalho e sei lá mais o quê...

G- Mas logo eu disse que não ia dar...

L- Sim, mas quando já tínhamos aceitado, eu não gosto de deixar as pessoas na mão...

G- Eu também não.

L- Você não gosta, mas não tá nem aí se isso acontecer.

Narrador: Em um dia claro, Luisa e Gabino saíram para caminhar pelo centro da cidade e viram chegar um par de caminhonetes com pessoas usando coletes de um partido político. Eles estacionaram, abriram as portas, colocaram música alta em caixas de som como numa festa, ligaram os microfones e falaram, convidando as pessoas para se aproximarem (<https://www.youtube.com/watch?v=ot8CzSngaqM>). As pessoas se aglomeraram ao redor deles, que pegaram umas listas e as mantiveram em suas mãos o tempo todo. Tudo estava em espanhol, mas as pessoas de Amoukalli já sabiam do que se tratava. Elas agarravam com força seus títulos de eleitor: com eles trocavam algo, 100 pesos, uma mercearia, guarda-chuvas e capas de chuva, louças, bonecas com o logotipo do partido. Eles os entregavam e os anotavam nas listas. Luisa e Gabino ficaram por um tempo observando e gravando discretamente em seus celulares. Não sabiam se sentiam raiva, desprezo, indignação ou se seria prudente denunciar, mas não tinham certeza se distribuir presentes durante uma campanha é um crime eleitoral. O pessoal do partido tocou duas ou três músicas repetidas vezes; músicas famosas, mas com as letras alteradas, adaptadas com nomes de candidatos e suas promessas. As pessoas ficavam por um tempo, se aglomeravam, mostravam seus títulos, se inscreviam, recebiam e iam embora. A maioria jogou as embalagens plásticas do que receberam em um dos barrancos.

**(Música de campanha: <https://www.youtube.com/watch?v=gyTguwWzD5Y>
Diálogo meio gritado entre Lucero e Gabino)**

- Azucena precisa de óculos.

- Por que está dizendo isso?

- Porque ela está sempre assim (*gesto*) e a Luísa já fez alguns testes com ela. Podemos tentar alguma coisa com a fundação?

- Eu entendo, mas estamos aqui por causa das mãos e não podemos atender outros problemas.

- Mas ela não vai aprender nada se não enxergar, ela não consegue nem pegar a bola e ela é boa.

- Sim, eu sei, mas não podemos fazer nada, se começarmos a atender cada um dos problemas que essas pessoas têm, nunca vamos terminar. Essa realidade é muito complexa e é por isso que temos que focar.

- Mas então para que estamos aqui?

- Para mudar os hábitos relacionados ao uso da água, sobretudo a lavagem das mãos e o saneamento da água.

- Mas há situações, como a menina que não enxerga, que impossibilitam que ela aprenda até mesmo isso.

E também seria bom se deixassem o Miguel mais tempo com a gente para traduzir pra nós... O pai de Gelacio apareceu, ele estava bêbado, me empurrou, me ameaçou, fez assim pra mim (*senal de disparo de pistola*) PUM, PUM, PUM. Não tínhamos ninguém de vocês por perto para nos ajudar. O Miguel deveria estar conosco como tradutor e não com vocês carregando bananas e biscoitos...

- ... Olha, Gabino, entendo que você esteja chateado, eu não sabia e sinto muito pelo que aconteceu....

- É que não é possível nos deixar sozinhos com as pessoas queimando o lixo ao lado da quadra e a gente sem entender náhuatl. Está muito foda levar uma aula de oito horas sozinhos.

- Vou te pedir pra não subir mais o tom e que me dê alguns dias para resolver a logística para que o Miguel possa estar com vocês. Está bem?

- Duvido que as crianças ainda viriam se não ganhassem biscoitos, banana e iogurte no intervalo.

- Perdão?

Vídeo de uma noite e estamos em frente a uma fogueira:

Narrador: Luisa e Gabino começaram a sentir como se um eclipse fosse começar a qualquer momento. A chuva estava começando a deixá-los mal, estavam sempre com seus sapatos, suas meias e suas calças molhadas. Ninguém queria dizer a eles como chegar à cachoeira e, do meio das aulas pra frente, as crianças só queriam brincar, gritar, correr. Ficavam mal de pensar que alguém perceberia que eles não conseguiam controlar as crianças. Ficavam mal de não conseguir nada com elas.

Uma noite, ficaram em silêncio. Gabino pensou em sexo, Luísa secou as meias no fogo.

(Luísa e Gabino, na sala de aula, ensaiam uma coreografia enquanto se ouve ao fundo propagandas políticas + narcocorridos).

(Diálogo entre Luísa e Gabino)

- Vivemos do que é possível, da plantação...
- E o que a plantação dá?
- ...milho, feijão, abóbora....
- E comem isso sempre?
- Nem sempre, às vezes não tem. Veja, alguém propõe e Deus dispõe... Assim é.
- O que você gosta de fazer quando não tem nada para fazer?
- Sempre tenho algo para fazer...
- Mas se em algum momento você não tiver nada...
- ... Não, bem, não...
- Se aparecesse um mágico e você pudesse pedir qualquer coisa, o que você pediria?

(Longa pausa. Movimento de ombro num sinal de “sei lá”).

- Poderia pedir qualquer coisa que você quisesse... Uma casa, um avião, uma máquina de lavar.
- Um avião.
- ... E para que o usaria?
- Para ir à casa da minha prima. Ela morava lá, onde estão os tanques de lavar, logo ali atrás, mas já não mora mais, então não vamos.

(Propaganda eleitoral)

- E você vai votar?
- Acho que não... Eu nunca voto, só às vezes meu marido vai... Além disso, nós nos viramos sozinhos. Olhe, temos muitos problemas aqui para ficar pensando no governo.
- Mas vocês não têm nenhuma relação com o governo?
- Sim, é... Eles vêm para dar dinheiro para os projetos no campo e para algumas famílias que têm apoio do *Prospera*, com a escola e por aí vai.

- Ah, e que tipo de projetos são apoiados?
- Bem, olhe, você está vendo aqueles reservatórios ali embaixo? Eram para criar trutas e funcionaram por um tempo, mas depois foi desanimando e nós desistimos. Além disso, a pessoa que organizou o projeto ficou com parte do dinheiro enviado pela Secretaria porque pagou para que passassem o seu filho pela fronteira, essas coisas...
- E vocês não o denunciaram?
- Quem?
- O homem que organizou as fraudes...
- ...
- ... Pela coisa do dinheiro...
- Não...
- ...
- ...
- E onde sua prima foi morar?
- Em lugar nenhum... Ela já está morta.

Narrador: Numa das noites que passaram em Tehuixtintle, Luisa e Gabino conversaram com Miguel, o monitor da “Some Water”. Ele contou que as comunidades da região, especialmente Amoukalli, sofrem com o alcoolismo entre os homens e com a violência contra as mulheres. E também disse que antes não era assim, que a violência existia, mas era diferente. Agora está mais sombria, disse. Luísa sentiu medo, como se alguém a estivesse observando pelas costas. Ela se virou e olhou o seu reflexo na janela. A conversa começou porque uma das meninas da oficina chegou com hematomas nos braços e um inchaço na bochecha esquerda, a garota passou a maior parte da aula sentada, só olhando, às vezes nem isso.

(Diálogo entre Luisa e Gabino)

L- Vamos ver se pára de chover para o evento final...

G- Gostou de como ficou a peça?

L- Sim, mas não sei se vai ser útil para eles de alguma maneira...

G- Mesmo assim, é bom.

L- O quê? O que é bom?

G- Estar aqui... Ajudando.

L- Acho que somos parte do problema e não parte da solução.

G- Não, existe um problema que está além de nós e se não estivéssemos aqui, o problema ainda existiria. Aqui, pelo menos, estamos tentando fazer alguma coisa.

L- Mas nós estamos aqui financiados pela FEMSA.

G- Disso eu já sei.

L- ... Dando a cara pela empresa, validando essa relação. Eles financiam a “solução” do problema que eles criam. Estamos literalmente lavando as mãos deles para que essas crianças aprendam a lavar as mãos.

G- Eu sei, mas se não fizéssemos isso, as pessoas iam continuar a ter problemas e para elas não importa saber quem paga você.

L- Mas se elas soubessem, saberiam que não precisaríamos estar aqui se não fosse por aquela empresa que chegou, sugou a água e criou a escassez que faz com que as pessoas tenham que caminhar três quilômetros para buscar água para beber, cozinhar, tomar banho e agora para lavar as mãos.

- As pessoas não lavam as mãos agora e não lavavam as mãos quando havia nascentes aqui. O que estamos fazendo é mudar a maneira como as pessoas pensam.

- Mas quem é você para querer que essas pessoas saibam como coletar sua água, higienizá-la e usá-la para higiene pessoal? Que merda nos importa isso e que merda nós somos para vir e dizer a eles o que fazer? Se você diz: “eles são herdeiros de uma cultura ancestral”, por que devemos vir aqui e ensinar alguma coisa? Isso tem sido feito há séculos, sob o pretexto da civilização e do progresso. Devemos deixar eles em paz, deixar que vivam suas vidas como quiserem!

- E que continuem morrendo de diarreia? O que existe aqui é uma cultura ancestral que, por algum motivo, não conseguiu desenvolver por ela mesma um sistema que capta a água da chuva e a armazena para que não tenham que andar por três quilômetros para obtê-la todo santo dia.

- Esse é o problema do assistencialismo, esse é o problema do que estamos fazendo e do que tem sido feito há séculos, vir aqui pra dizer pra eles o que fazer: olhe para eles, educados pela igreja, pela televisão, por ONGs e por partidos políticos que deixam migalhas aqui a cada eleição... É isso o que se cria: merda. E

se nós temos um compromisso, é um compromisso com as crianças, não com a FEMSA ou a Coca-Cola ou a Some Water.

- Mas nosso compromisso é ensinar algo às crianças?

- Não! Viemos para compartilhar o que sabemos.

- É a mesma coisa!!!!

- Não, não é a mesma coisa...

- Então a gente veio pra quê? Me explica.

- Vá se foder.

- Onde você está indo?

- Não interessa.

(Vídeo da caminhada, som de agitação, de telefone tocando e caixa postal da Telcel)

Narrador: Luisa e Gabino se separaram.

Luisa saiu caminhando em direção a onde ela achava que estava a Cachoeira Negra, sentia muita raiva, caminhou bastante, até que começou a sentir um pouco de medo, a neblina estava baixando e ela já tinha se afastado muito da comunidade. Pensava que seria melhor voltar, mas não o fez. Começou a chuviscar.

Gabino ouviu a chuva e pensou que Luisa estava demorando muito. Olhou pela porta e não viu nada. Decidiu caminhar até a quadra e lá encontrou muita gente conversando; especialmente um homem velho com dentes pretos. De repente, a cena foi interrompida por um homem que entrou cambaleando, bêbado, batendo e gritando, e que caiu no chão e começou a chorar, de uma maneira que Gabino nunca tinha visto antes. Fez-se o silêncio, duas meninas levantaram e tiraram o homem para fora da quadra, apoiaram-no no poste da cesta de basquete e a reunião continuou.

Faltavam poucos dias para as eleições e havia propaganda dos partidos por toda parte: nas paredes, nos postes, nas portas, nos táxis...

Luisa seguiu caminhando, apesar da chuva e de um pressentimento que pouco a pouco se transformou em preocupação e depois em medo.

Luisa- Panolti, desculpe, a Cachoeira Negra? Tlil-atl-iwit-zia?

Gabino- Onka miak tetl ipan ohtli - (há muitas pedras no caminho).

Luísa- Não estou entendendo, a Cachoeira Negra? Tlilatliwitzia? É por ali?

Gabino- Tioh ik nepa - (por ali você chega...) (*Ele aponta, e desaprova com a cabeça*).

Luísa- Por ali?

Gabino - Kéma (sim) (*desaprova com a cabeça outra vez*)

Luisa- Tlasokamati miak (muito obrigada) Timotiaske (até logo)

Gabino- Kéma (sim) Onka miak tetl ipan ohtli - (há muitas pedras no caminho).

Narrador: Gabino perguntou às pessoas que conhecia se tinham visto Luísa. Um garoto disse que ela tinha ido “por ali” e começou a rir. Gabino não sabia se acreditava nele, mas começou a caminhar na chuva naquela direção.

Luisa caminhou na direção indicada por aquele senhor, com dificuldade porque havia muitas pedras (*colocar pedras ao redor do palco*). Viu uma pequena cabana de madeira com alguns telhados caídos e uma placa abraçada pela vegetação: “Tlilatliwitzia”, A Cachoeira Negra. Uma trilha cercada por vegetação densa levava adiante. Caminhou mais uns 100 metros, começou a chover mais forte e ela sentiu como se a chuva fechasse o caminho às suas costas.

Gabino pensou em voltar porque a chuva estava cada vez mais forte e o caminho cheio de pedras.

Luisa olhou para baixo e viu muitas cruzes de madeira ao redor da trilha, depois viu a cachoeira entre as árvores. Se aproximou e a olhou de frente, uma cachoeira linda e imponente. Abriu a boca para beber a água fria que caía da chuva. De repente, um cheiro penetrante, a morte. Deu mais um passo à frente, pisando em algo macio, afundando o pé: a carcaça de um javali cercada por velas apagadas. Olhou, distinguiu mais ossos, mandíbulas de animais e velas apagadas. A chuva e o som da cachoeira a ensurdecaram e nem mesmo ela conseguia escutar o seu próprio grito.

Gabino andou muito na chuva, esperando ver Luisa aparecer no meio do aguaceiro. Sentiu que estava sendo seguido. Mas quando se virava, não via ninguém, a chuva fechava o caminho atrás dele.

Escuridão

Cuahutemoc (em náhuatl): Vá embora! O que está fazendo aqui? Pelo amor de Deus, você não pode estar na cachoeira! Ninguém pode estar na cachoeira! Vá embora!

Vídeo da casa vista de fora, no meio da noite. Legendas sobre a imagem.

Cuahutémoc em náhuatl - Ninguém deve ir à cachoeira, ninguém além dos grandes, dos sacerdotes.

Essas montanhas são boas para se esconder, boas para semear o que os traficantes querem, boas para explorar as pessoas. Talvez alguém do povoado tenha cooperado para um lado ou para o outro. É que onde há pessoas, nunca falta quem meta os pés pelas mãos.

Naquele dia, em Amoukali, fizeram o pior, nos machucaram. Os mais velhos estavam em assembleia, os jovens, como de costume, ouviam, e naquele momento apareceram as armas e feriram e mataram Juan Calihua, ele foi o primeiro.

Se ouviram barulhos de caminhonetes nas duas entradas da cidade, arrombaram as portas das casas fechadas e atiraram sem olhar. Tiraram todo mundo das casas e trouxeram os que estavam faltando, como ovelhas.

Vieram de um lado, do outro e do outro. Nos cercaram, não podíamos correr para lugar nenhum. Três homens ficaram plantados no centro, um deles trazia uma lista em que os nomes estavam anotados.

Depois de Juan, Hortencia Tetlaktle. Eles a humilharam e a mataram.

- “De quem é a vez?”, gritou um dos três.

- “Não roubamos, não matamos ninguém. Se vocês querem nos matar, façam isso, com certeza é o desejo do demônio”, respondeu o Sr. Bardomiano e o partiram em dois de tanta bala.

- Pedro Calihua, Calixto Tetlaktle, Carmen Quiahua, Emerson Quiahua...

Uma caminhonete tocava música.

As balas passaram roçando a minha cabeça. Achei que tivessem me atingido e gritei, era o medo.

Os assassinos avançaram até onde os jovens estavam escondidos. Ouvimos seus gritos porque muitos deles foram baleados. Ana tinha uma menina de 8 meses e ambas foram mortas:

- “Os que cometem esse crime não sabem o que estão fazendo, somos inocentes, mas ainda assim serão perdoados”, gritou o Sr. Julio e o mataram também. Eu

também nunca soube por que eles fizeram isso, poucos sabiam, mas isso comoveu todas as pessoas, toda Amoukalli.

- “Vamos ver se assim vocês aprendem a colaborar com os bons e não com os maus!”

Eles estupraram e obrigaram algumas mulheres a dançar nuas ao som da música que saía de suas caminhonetes. Houve mais mortes, mais humilhações, mais tiros e mais músicas narco. Depois, ordenaram que voltássemos para nossas casas, mas tínhamos que ficar com as portas abertas. Eles ficaram lá, de guarda, bebendo e ouvindo a música alta.

Foram embora pela manhã e nós corremos para buscar os mortos: sangue seco, muitas moscas; cachorros e porcos mordendo os mortos.

Nós choramos.

- Por que está chorando? me disse um soldado que o governo enviou, mas eu não consegui responder.

- Por que está chorando? voltou a perguntar e eu vi quando ele levantou a arma para me atingir.

- Por nada, eu disse, por nada.

Todos paramos de chorar e então começou a chover.

Narrador - Luisa e Gabino ouviram a história e sentiram suas unhas crescendo, crescendo muito. Voltaram para casa e comeram em silêncio. Gabino tomou banho e olhou para o seu corpo. Luisa pegou o telefone, mas não ligou para ninguém. Cortaram as unhas.

No dia seguinte, houve a apresentação final das oficinas do projeto social.

Canção de Xochipitzahua...

Foram apresentados números artísticos e se falou ao microfone. Comeram e tocaram música na quadra.

Cena do evento final: <https://www.youtube.com/watch?v=v4mfmhrlDzs> e

<https://www.youtube.com/watch?v=hOV4d4jMMv0>

Texto sobre imagens - Durante 4 semanas, a Some Water e a FEMSA realizaram um projeto social de arte, no qual conscientizamos as crianças sobre o tratamento da água e os hábitos de higiene.

Voz Marc Andre Off - Estamos em um pequeno povoado e fizemos um projeto social com arte muito, muito interessante aqui.

Voz Marc Andre Off - E quando toca o coração, quando toca a emoção, toca também a imaginação, toca a cabeça e nós achamos que a melhor maneira de dar uma nova ideia é com a arte no contexto social.

Entrevista de uma menina - O que eu gostei, e o que o Gabino e a Luísa nos ensinaram, foi a história da Ana Gotinha que quer ser água cristalina pra sempre.

Texto sobre imagens - O projeto contou com a participação de 100 crianças. Agradecemos a todos que tornaram isso possível.

Luisa e Gabino lavam as mãos em silêncio.

- Já arrumou tudo?

- Sim.

- ...

- Está pronta?

- Vamos.

- Vamos.

Narrador - As eleições foram no dia seguinte. Luisa e Gabino não souberam quem ganhou. Pouco importava. Tinham vontade de chorar, de se abraçar, mas nunca se permitiram essas coisas.

Se afastaram de Amoukalli, para sempre.